

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS

LEONARDO PRENTSE OLIVEIRA DA SILVA

**NO MEIO DO PERIGO:
UMA ETNOGRAFIA POR TERRITÓRIOS DE PEGAÇÃO**

Maceió

2021

LEONARDO PRENTSE OLIVEIRA DA SILVA

**NO MEIO DO PERIGO:
UMA ETNOGRAFIA POR TERRITÓRIOS DE PEGAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas como
requisito para obtenção do grau de bacharel em
Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Elisa Meinerz

Maceió

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 29 (vinte e nove) dias do mês de setembro do ano de 2021, às 09:00 horas compareceu perante a banca Examinadora o(a) aluno(a): Leonardo Prentse, autor(a) do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado: “No meio do perigo: Uma Etnografia por territórios de pegação” sendo a Banca Examinadora constituída pelos professores: Dra. Nádia Meinerz (orientadora), Dr. Elias Ferreira Veras (Avaliador do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes) e Me. Beatriz Vilela (Avaliadora do Instituto de Ciências Sociais) que atribuíram respectivamente as seguintes notas: 1º examinador: 10,00 (dez inteiros), 2º examinador: 10,00 (dez inteiros), 3º examinador: 10,00 (dez inteiros), cuja média aritmética é 10,00 (dez inteiros), tendo a referida banca considerado(a) aprovado(a) e apto(a) para a Colação de Grau de Bacharelado em Ciências Sociais.

E por estar conforme, eu _____téc
nicodo Instituto de Ciências Sociais lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da banca e pelo Diretor do Instituto de Ciências Sociais.

1º Examinador(a):

Nádia Meinerz

2º Examinador(a):

Elias Ferreira Veras

3º Examinador(a):

Beatriz Souza Vilela

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ivete e Joseilton, pelo amor, cuidado, carinho, apoio e pala força que me encorajam a ter todos os dias;

Às minhas amigas, João Victor, Cássia Firmino, Lucas Araújo e Hans Douglas pela fraternidade, pela temperança, pelas viagens e viadagens e pelo tempo dedicado;

Às amigas e colegas de graduação e pesquisa de iniciação científica, Rangel Fidelis, Alana Barros e Ada Rízia, pela ajuda sincera e pelos conhecimentos construídos juntos. Rany, Hellen e Eva, pelos filhotes, fofocas e por saberem não evitar o conflito;

À Coletivo Tamanca, por ter me apresentado uma formação engajada na luta do movimento LGBTIA+ e por ter me feito ponto de resistência;

À professora Nádia Meinerz, por suas orientações e conversas sobre a vida. Seus abraços, sua paciência e confiança em mim foram fundamentais para a conclusão desta etapa da minha vida acadêmica. O meu mais sincero obrigado!

Ao professor Fernando Rodrigues, ao PIBIC e à FAPEAL pelo fomento a pesquisa acadêmica e por me auxiliarem durante os meus primeiros anos de formação universitária.

Às bichas colaboraras desse trabalho, Madame X, Ema, Tulipa e Cintya, por terem me permitido participar e por terem ousado participar comigo dessa pequena grande aventura antropológica.

Muito obrigado!

RESUMO

Nessa etnografia apresento os resultados da minha experiência de campo entre os anos de 2019 e 2020. Onde, acompanhado por três colaboradores de pesquisa, visitei o *paredão* da Pajuçara e realizei entrevistas semiestruturadas com jovens, entre 20 a 25 anos de idade, que se autorreferenciam como bichas afeminadas e que, em algum momento das suas vidas, frequentaram territórios de *pegação* em Maceió. Esse trabalho foi composto a partir da contribuição das teorias feministas e queer, alinhando-as com a literatura socioantropológica sobre o tema trabalhado, visando contribuir às interpretações que problematizam as distinções entre público e privado, entre categorias sexuais e de gênero e propondo também uma possível reelaboração do homoerotismo, enquanto categoria literária socioantropológica, como tecnologia política contradisciplinar de resistência ao dispositivo da sexualidade. Os dados obtidos apontaram para a elaboração cooperativa de repertórios de masturbação desenvolvidos durante as interações de homosocialidade no *paredão*, que são frequentemente acionados em contextos de *pegação* como estratégias eróticas, mas que aqui trago também como prótese metodológica.

Palavras-chaves: bichas afeminadas, *pegação*, gênero, homosocialidade, contrassexualidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
A BICHA EM QUESTÃO	8
DO <i>BANHEIRÃO</i> AO PAREDÃO	13
<i>CATAR O PERIGO</i>: TÉCNICAS DE SEDUÇÃO AFEMINADA	16
<i>LOCAL DE PEGAÇÃO DAS GAYS</i>: MARCANDO TERRITÓRIOS.....	20
ME TORNANDO <i>VOYEUR</i>: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	25

*“Estou procurando, estou tentando entender
O que é que tem em mim
Que tanto incomoda você*

*Se é a sobrancelha, o peito
A barba, o quadril sujeito
O joelho ralado, apoiado no azulejo
Que deixa na boca o gosto, o beijo
Saliva, desejo
Seguem passos certos
Escritos em linhas tortas
Dentro de armários suados
No cio de seu desespero*

*Um olho no peixe, outro no gato
Trancados, arranham portas
Dores, nos maxilares
Cânceres, tumores*

Viados que proliferam em locais frescos e arejados

*De mendigos à doutores
Cercados por seus pudores
Caninos e mecanismos, afiados
Fazem suas preces, diante de mictórios
Fé! Em pele de vício
Ajoelham, rezam
Genuflexório
Acordam pra cuspir
Plástico e fogos de artifícios*

*Sexo é sexo
Tem amor e tem orgia
Cadela criada na noite
Submissa do 7º dia*

*Estou procurando (sexo, sexo)
Estou procurando (sexo, sexo)”*

Linn da Quebrada – Submissa do 7º dia

Introdução

Neste artigo, apresento os resultados da minha experiência de campo entre os anos de 2019 e 2020, em formato etnográfico. Na companhia de três colaboradores de pesquisa, foram realizadas visitas de campo ao *paredão* da Pajuçara, espaço de interações homoeróticas, e entrevistas semiestruturadas com quatro bichas autorreferenciadas, entre 20 a 25 anos de idade que, em algum momento das suas vidas, frequentaram territórios de *pegação* em Maceió, lugares centrais nas buscas por parcerias sexuais anônimas e descompromissadas (PERLONGHER, 1987).

Minha aproximação com o tema ocorreu através de entrevistas com drag queens da cidade, nas quais a *sedução afeminada* emergiu como uma prática cotidiana. Inspirado por Sérgio Carrara (2005), em minhas próprias vivências e algumas entrevistas nas mãos, eu pensava: “só os viris serão amados?”. Quando Cintya, uma colaboradora drag queen, me revelou sobre a prática do *banheirão*¹ (OLIVEIRA, 2016; SOUZA, 2012), comecei a me perguntar sobre as possibilidades e os espaços públicos disponíveis para interação erótica em Maceió. Percebendo também que Cintya se reconhecia enquanto bicha preta, me propus a pesquisar sobre territórios de *pegação*, pensando em identificar os agenciamentos de parcerias sexuais entre homens que se autoidentificam como bichas na cidade.

A partir da aproximação com Madame X, um dos personagens centrais desta peça, pude estabelecer um local privilegiado de observação. Com a sua ajuda pude frequentar o *paredão*, palco em que se desenrola a trama dessa etnografia. Frequentei esse espaço, pelo menos, em três momentos distintos: um na companhia de Madame X, outro na companhia do também parceiro e colaborador de pesquisa, aqui o chamo de Tulipa, e um terceiro momento novamente acompanhado de Madame X e seu amigo Ema, com quem também pude contar com a colaboração na produção deste trabalho.

Na construção desse artigo, me vali da contribuição teórica do filósofo espanhol não-binário e terrorista de gênero Paul B. Preciado e dos conceitos de contrassexualidade, cooperação masturbatória e regime farmacopornográfico, desenvolvidos por ele ao longo das últimas décadas, alinhando-os com a literatura socioantropológica sobre o tema trabalhado.

¹ O termo estabelece uma ligação direta entre banheiros públicos e interações sexuais entre homens. Contudo, pude perceber que havia um uso recorrente desse termo por meus interlocutores quando eles mencionavam suas práticas sexuais em ambientes públicos. Por tanto, o utilizo como termo guarda-chuva para definir toda e qualquer prática sexual ou erótica entre homens realizada nos espaços públicos urbanos. Portanto, é também uma categoria êmica utilizada aqui com a finalidade de delimitar o tema do atual trabalho.

As seções do artigo foram organizadas em seis partes, incluindo esta introdução. A primeira se destina a apresentação e discussão do problema em diálogo com a literatura especializada das Ciências Sociais. A segunda seção é um desdobramento da primeira, onde pretendo um diálogo mais aproximado entre a filosofia precadiana e alguns elementos etnográficos. Na terceira parte se pretende a apresentação da metodologia desenvolvida e utilizada. A quarta seção constitui uma performance dos dados coletados em campo e, por fim, uma conclusão com a quinta parte.

1. A bicha em questão

Todos os dias, ao sair de casa, seja para trabalhar ou ir à faculdade, Madame X observa os olhares dos homens nas ruas para ele e tenta classificar se há neles alguma nuance de desejo/intenção. Animado, ele me disse que o seu olhar mudou depois desse exercício. Antes, quando olhava para alguém, mesmo que o desejasse, era um olhar como outro qualquer, que não imprimia intenção alguma. Agora, faz questão de deixar marcada sua vontade através dos seus olhos. Encara demoradamente os objetos dos seus desejos, olhos nos olhos, fixos, sem hesitar. Se nota alguma retribuição, quero dizer, a troca fixa de olhares, é a isso que ele se agarra. Com a voz exaltada de quem espalha uma fofoca cabeluda, ele me conta: “Você tem que segurar o olhar, sem medo, encarar real! Depois que eu passei a fazer isso, foi outra coisa, bicha. Eu consigo saber, só no olhar, se o cara curte, se ele tá a fim naquele dia, se ele não tá. É muito doido!” Perguntei como ele chegou nesse nível de observação, ao que ele me disse: “Bicha, você sabe quando olha pra uma velha e percebe que ela tá te olhando com desprezo, nojo, sendo homofóbica e tal, a mesma coisa é pra saber quando alguém quer foder ou não. É fácil perceber quando você se acostuma”. Ele prossegue me dizendo que se a troca de olhares não o leva a transação do seu desejo. Quando chega em casa, ritualmente, ele se põe a pensar e rever, no ato da masturbação, cada olhar que se direcionou para ele de formas distintas, com nuances de provocação. Assim, por uma espécie de análise masturbatória, consegue captar *um jeito, uma fórmula* de olhar que imprima a sua intenção. “O que eu quero com isso é dar um jeito de conseguir satisfazer a minha vontade de sexo na hora”. O seu *jeito*, o seu olhar fixo e determinado, deve-se em parte a um processo ritualístico que envolve a observação e a análise, que aqui chamei de masturbatória por estar combinada a essa prática, ligada a suas experiências cotidianas de circulação nos espaços da cidade. Chamarei aqui essas experiências e repertórios de cooperação masturbatória, entendendo que há na confecção do desejo um processo atravessado por relações interpessoais (parametrizado pelas interseções entre gênero, raça e

geração), espaços e artefatos, assim também como construções históricas. Chamarei de transações os agenciamentos orgâsmicos que acionam repertórios de cooperação masturbatória (desejo e poder) nos momentos de circulação e interações nos espaços da cidade.

Conheci Madame X pouco tempo antes do meu interesse de pesquisa se configurar primariamente na temática dos territórios de *pegação*, como o *banheiro*. Nessa época, eu soube do momento em que ele se aproximava desse lugar como um espaço *sexualizado*. No decorrer das nossas conversas episódicas, da sala de aula ao ponto de ônibus, ele me contava como se configuraram as suas transações nos banheiros da faculdade. Madame X, apesar da barba espessa no rosto e dos quadris largos, se referencia como bicha. Esse movimento de declaração sexual é recente na história das classificações. A categoria homossexual é desenvolvida pela medicina-legal moderna para administrar os corpos e as práticas sexuais inscrevendo-as nos limites da *perversão* e da *anormalidade* e assim delimitar, por oposição, a heterossexualidade como prática sexual *normal* (FOUCAULT, 2007). Declarar-se bicha, portanto, é uma inversão do sentido histórico das palavras e categorias médicas, que opera no esvaziamento psiquiátrico da homossexualidade enquanto uma doença/perverção/anormalidade (HOCQENGHEM, 1980). Desse modo, os verdadeiros sentidos dos pertencimentos identitários dos nossos egos são relegados a grupos socialmente estigmatizados, uma vez que disso decorre a expectativa social da declaração do estigma ou a sua camuflagem em vias do seu ajustamento à sociedade (GOFFMAN, 2008; SEDGWICK, 2007). Contudo, há nesse processo um movimento de *normalização* dos corpos e desejos abjetos que está sendo redesenhado pelo novo estágio da modernidade, ao qual vamos chamar aqui de regime farmacopornográfico, diverso do modelo de regime disciplinar proposto por Foucault e trabalhado pelo feminismo queer (de autoras como Teresa de Lauretis e Judith Butler). Esse regime é caracterizado por uma nova maneira de gestar o corpo, a sexualidade e a produção de identidades, que tem início após a Segunda Guerra Mundial. Essas novas produções de sujeitos envolvem uma articulação entre a indústria midiático-pornográfica (como a revista *Playboy*) e a indústria fármaco-científica (com a invenção da pílula anticoncepcional), que permitiu fissurar a homossexualidade enquanto categoria médica e separou o sexo da ideia de reprodução (PRECIADO, 2010; 2018).

Logo que defini meu interesse de pesquisa, pretendi deixar claro ao meu colaborador as minhas intenções em campo: grosso modo, eu queria aprender a flertar com *homens másculos*. Outro interesse de pesquisa refletia na questão anterior: como compreender por que as bichas são abjetos do desejo homossexual? Percebi isso em rápidas observações da minha incursão por aplicativos de *pegação* como *Grindr* e *Tinder*, através de frases nas apresentações biográficas de perfis de homens gays nesses aplicativos, como: “não curto afeminados”, “se vc for

afeminado, aperte o x”. Para isso, precisei me desvincular do uso desses aplicativos, momentaneamente, durante a pesquisa.

A respeito desse meu interesse, algumas falas em suspeição e até mesmo de admiração surgiram durante a minha incursão em campo, como as falas de Ema, amigo de Madame X: “tem muitas pesquisas sobre isso nas Ciências Sociais?” Ao que respondi positivamente, e ele concluiu me dizendo ter achado o meu tema completamente *inovador*, pois nunca tinha ouvido falar de algo parecido. Contudo, esse não é um tema exatamente novo nas Ciências Sociais. Veremos adiante como se constituíram novas formas de prazer-saber no âmbito acadêmico. Ademais, a métrica dessas questões de pesquisa foi formulada aqui entendendo que os saberes científicos são sempre localizados e estão em constante disputa por legitimidade (HARAWAY, 1995), por isso, me declarar uma bicha de aplicativos de *pegação* e também militante é o contrário de uma epistemologia positiva, que se pretende neutra e objetiva, entendendo a imparcialidade científica enquanto um mito construído por pares masculinos e heterossexuais, que historicamente bipartiram o corpo entre a cabeça/cérebro e o tronco/coração, e reservaram à essas partes as faculdades da razão e da emoção como se essas partes do corpo trabalhassem e produzissem conhecimentos sempre em dissonância (JAGGAR, 1997). Tais questões de pesquisa, assim como suas hipóteses e o seu desenvolvimento na busca por resultados, estão imbuídas nas emoções, nos desejos, nos prazeres, medos, afetos e nas curiosidades promíscuas do pesquisador em questão. Aqui, faço pesquisa com o corpo todo.

Ao contrário do dispositivo da repressão sexual promovido ao longo do século XVII pela Europa católica, Foucault (2007) nos chama a atenção para uma tática política desenvolvida durante a passagem da modernidade que trouxe à luz o sexo menos para condená-lo e mais para regulá-lo de modo que ele funcione utilmente para o bem de todos. As estatísticas de natalidade e os índices de casamento demonstram que o sexo foi tomado como instituição de controle. Dessa maneira, a identidade homossexual é desenvolvida ao longo do século XIX como a régua médico-legal da identidade heterossexual normal. Heterossexualidade como a identidade normal, pois está em conformidade com a gestão política de reprodução das populações. Portanto, “a homossexualidade é compreendida como prática sexual que coloca em perigo a conexão direta entre sexo e reprodução” (PRECIADO, 2010, p. 10) sendo relagada ao estatuto de perversão e anormalidade durante toda a era moderna, sendo também fortemente perseguida durante os anos da ditadura militar (1964-1985) no Brasil (QUINALHA, 2018) e novamente medicalizada durante os anos 80 com o advento da AIDS, classificado sumariamente como *o câncer gay*, mais uma vez, atribuindo à homossexualidade o estatuto de uma doença (PELÚCIO, 2016).

Contudo, foi só a partir da metade do século XX, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e o surgimento do movimento hippie, da contracultura e do maio de 1968 em Paris, emergiram diversos movimentos de liberação sexual, bem como o *Gay Liberation Front* nos EUA. O resultado disso foi o junho de 1969, uma batalha contra policiais no gueto gay de Nova York que reuniu homossexuais, drag queens e travestis durante três noites e acabou por romper com o modelo tradicional de militância ao serem proclamadas palavras de ordem pouco ortodoxas para a época como: *Poder gay. Sou bicha e me orgulho disso. Eu gosto de rapazes, etc* (MACRAE, 2018, p. 42). A revolução homossexual, como argumenta Hocqenghem (1980), tornou pública a maneira como dormimos. Então, seria estranho apontar que as nossas camas, símbolo da vida doméstica e *privada*, tenham se transformado nas saunas, nos cinemas, nos clubes, nas cabines, nos mictórios, nas praias, nas vegetações e nos muros da cidade e nos aplicativos de *pegação* nas nossas pesquisas?

No Brasil, esse olhar público ganhou contornos de interesse acadêmico nas classificações sexuais masculinas, quando Peter Fry (1982) descobriu um sistema de representações assimétricas e hierárquicas que informa e orienta os comportamentos sócio-sexuais na periferia de Belém em 1974. No entanto, se na periferia as diferenças sexuais observadas entre homens eram marcadas pelos papéis de gênero (homem, bicha) e pelo comportamento sexual (ativo, passivo) que cada um desses papéis desempenharam no imaginário dessa coletividade, nas camadas médias da sociedade brasileira, o principal marcador da diferença é a orientação sexual (heterossexual, homossexual), concebida na categoria de *entendido*. Como se os agentes dessa classe caminhassem na direção da igualdade simétrica das relações sexuais, uma vez que supostamente abandonaram as classificações binárias que conectam o comportamento sexual aos papéis de gênero. Por outro lado, essa marca das classes médias, argumenta Fry, ainda possui raízes nos estudos médicos realizados por Pires de Almeida que se baseiam nas teorias de Ulrichs e Krafft-Ebing (1860-1890), em que se distingue a orientação sexual masculina entre heterossexual e homossexual e divide-se a categoria homossexual com base nos papéis de gênero (*masculino/pederasta ativo, efeminado/pederasta passivo*).

Em contrapartida, James Green (2019), analisando os prontuários médicos e policiais do início do século XX até os anos 80 no Brasil, observou, mediante as prisões de 195 homossexuais que frequentavam os espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro durante o ano de 1932, a cruzada médica classificatória que tentou enquadrar a partir do estudo antropométrico a verdade sobre o corpo e o comportamento sexual *efeminado*, comparando-os com os corpos *normais* dentro do sistema hierárquico exposto por Fry. A exploração se revelou

surpreendente para os médicos da época, uma vez que os comportamentos sexuais prescritos pela medicina-legal não condiziam com os relatos das bichas capturadas como objetos de estudo, portanto, foram classificadas como anomalias.

Durante os anos da ditadura militar no Brasil, a polícia se valeu dos critérios médico-legais e se amparou no artigo 59 da Lei das Contravenções Penais, conhecida como lei da vadiagem, para perseguir e prender pessoas em situação de rua, em sua maioria negros, desempregados, homossexuais e travestis que transitavam pelos espaços públicos de São Paulo, reconfigurando os territórios autorizados para a transação de pessoas LGBTIA+, como a abertura de boates, saunas e bares voltados para esses grupos datadas da mesma época (OCANHA, 2018). Decerto, a situação particular de uma região do país não pode ser tomada aqui para descrever a situação sócio-histórica da capital alagoana, mas pode ser apropriada para perceber como algumas das produções acadêmicas da última década sobre o homoerotismo centralizaram a sua atenção também para as sociações homomasculinhas em espaços onde as transações se davam por relações pecuniárias e em que os papéis de gênero ainda apareciam marcando fortemente os comportamentos sexuais dos sujeitos (OLIVEIRA, 2009; BRAZ, 2009).

Assim, o período militar brasileiro constrangeu com medo, perseguições e violências, e reconfigurou as práticas e os territórios de *pegação*, de modo a definir os lugares adequados para a liberação sexual dos sujeitos implicados nessa lógica. Ao passo que, nos anos 1980, no período de reabertura democrática do país, a população LGBTIA+ sofreu um novo abalo das suas forças com a epidemia do HIV/aids. Nesse período, a estética do pânico sexual foi construída nos hospitais estadunidenses através de análises das marcas escuras na pele dos primeiros pacientes de HIV/aids, semelhantes a um tipo raro de câncer, o sarcoma de Kaposi. Depois, essa estética foi associada a pessoas magras, sendo sinônimo de doença, e passou a ser veiculada pela grande mídia de maneira insistente como *o câncer gay* (PELÚCIO, 2016; TREVISAN, 2018). Tal processo de estigmatização levou a sociedade brasileira ao medo generalizado da associação masculina ao desejo homossexual e redesenhou até mesmo os corpos e os desejos desses sujeitos, de maneira que a própria medicina os instruiu, a partir do medo da contaminação (homo)sexual, a modelar um corpo saudável dentro de academias de musculação (FERREIRA e MISKOLCI, 2020), enquanto traçava as linhas da abjção.

Por fim, a exclusão sistêmica das bichas da economia do desejo revela também que nem as camas domésticas, nem as cabines dos banheiros públicos, nem as praias, nem os estacionamentos, nem muito menos as moitas e as florestas são os lugares para bichas, *travas e sapas* viverem. Resta, insistente, o lugar adequado, esse onde só se chega através das

aquisições monetárias e legais, sendo elas mesmas os motivos que tornam um lugar adequado ou não para viver o sexo.

2. Do banheiro ao paredão

Passado algum tempo do início da nossa conversa, Madame X me fitou com aquele olhar fixo que acabara de me descrever e me convidou para ir ao banheiro da faculdade. Senti um tom jocoso nas suas palavras. Dizendo que aquilo seria um material muito interessante para a pesquisa, esboçava um sorriso. Com medo que aquilo fosse mesmo um investimento, tentei entrar na brincadeira a respeito do que faríamos lá. Ele, então, me disse sobre algumas pichações. Ao chegarmos, abriu a porta de uma das cabines do banheiro. “Vem cá”, ele disse e eu me aproximei. Na parede, o diálogo segue organizado por algumas setas que indicam a sequência das mensagens:

CHUPA MINHA PICA BABADA > dlc (delícia) > VAMO? > S (sim)! > KD
vc? > TÔ AQUI. COMO TE ACHO? > 3ª a noite no wc [...] > NÃO VI A
TEMPO. > Hj 17/12 > TERÇA, 17/12, [...], LÁ ATRÁS ÀS 18:00, OK? >
Ok! > FOI D+. Q (quero) BIS EM 2020. > EU VOU TAMBÉM > BORA! JÁ
TÔ AQUI. > ROLOU? > Sim!

Durante nosso período de convivência, Madame X passava por um momento peculiar; estava sem o *smartphone*. Me contou que foi ele o autor da primeira inscrição. Disse que se surpreendeu com as respostas. Apareceu no bloco sugerido como combinado, mas estava acontecendo uma festa e foi difícil executar o plano. Foi quando ele voltou à cabine do banheiro e encontrou as outras respostas, como a que diz: “foi d+. Q (quero) bis em 2020”. O que o fez presumir que outros se beneficiaram do seu investimento.

Neste trabalho, tento chamar a atenção para os diferentes usos dos espaços e dos corpos que neles transitam. Os banheiros públicos, como observa Preciado (2019), não são apenas espaços de gestão dos dejetos humanos, mas, são também tecnologias do controle público em forma de *vigilância sexual*. Usualmente, quando vamos aos banheiros públicos não vamos apenas para *cagar* e *mijar*, vamos para reafirmar perante uma sociedade a qual gênero pertencemos. A arquitetura moderna dos banheiros públicos, portanto, é uma tecnologia que inscreve forçosamente o sexo nos corpos

A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 26)

Dessa maneira, também tento chamar a atenção para uma relação tanto de simbiose quanto de estranhamento do fazer antropológico. Apesar dos usos fisiológicos dos espaços e dos corpos, assim como das tecnologias, na presente tarefa, essa relação com o meu colaborador transformou de maneira significativa a forma como experimentamos a situação que aqui estamos chamando de *banheirão*. Enquanto, no primeiro momento, o uso *sexualizado* do banheiro público se deu de maneira a fruir os nossos desejos, no segundo momento, esse uso se deu no entendimento de que ele também é um ato político, na medida em que são produzidas formas de saber-prazer contra-hegemônicas, como no caso desta etnografia.

Partimos do conceito de *poder* formulado por Michel Foucault em *A História da Sexualidade I* (2007), o qual é concebido como móvel e consistindo em uma correlação de forças sempre determinadas historicamente. Não existe relação de poder que não implique em resistências e transitoriedades de localização do poder.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (p. 112).

Assim, chegamos ao conceito de *contrassexualidade* como “a forma mais eficaz de resistência disciplinar da sexualidade (...) a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna” (PRECIADO, 2014, p. 22), propomos que os usos *sexualizados* dos espaços, neste trabalho, são tecnologias contrassexuais, como fissuras dos sentidos tradicionalmente atribuídos a arquitetura colonial em forma de contradisciplina.

Naquela noite, saindo da cabine do banheiro da faculdade, Madame X me questionou: “Amiga, você conhece o *paredão*?” Confessei nunca ter ouvido falar sobre esse espaço, até aquele momento, e ele me convidou para fazer com ele uma visita, a fim de observá-lo em ação. Humildemente, aceitei o convite. Mais tarde, descobri que esse espaço é tradicionalmente uma parte do roteiro de *pegação* da cidade.

Foi Flávio Santos da Silva (2009) o responsável por realizar a primeira cartografia de um desejo homossexual alagoano. Localizando explicitamente o *paredão* às margens do Porto da cidade, ele identificou o *paredão* como *O Muro de Berlin*, nomenclatura utilizada à época pelos seus entrevistados. Com base no seu trabalho de campo, é possível inferir que o *paredão* diz respeito a uma estreita faixa de terra coberta por uma vegetação tropical entre a areia da praia, o Porto e o asfalto. No seu entorno, localiza-se ainda um conhecido restaurante, mais ao lado, uma quadra poliesportiva e uma guarita da guarda municipal. Eventualmente, *homens* e *mulheres* distintos por classe, raça, geração, religião e gênero, vindos de diversas partes da cidade, frequentam o local na busca por sexo.

Outra inferência possível é o fator temporal, expresso por um recorte geracional que consiste também na transação constante dos sujeitos no espaço. Segundo um dos seus entrevistados, há mais ou menos 30 anos o lugar já era utilizado como espaço *sexualizado*. Os seus interlocutores mais velhos, que tinham por volta dos 35 anos de idade, demonstravam medo e maior cautela em relação ao lugar, eles acionaram categorias como “ladrão que se veste de entendido”, “aumento da violência” e “tenho cuidado, aqui é perigoso” (SILVA, 2009, p. 113).

Esse *cuidado*, muitas vezes, parte de um recorte geracional, também se expressa na maneira como esses indivíduos se comportam durante suas transações no *paredão*: eles esperam do lado de fora da vegetação, observam todo o perímetro do espaço, até conseguirem a confiança necessária para entrar. Pude observar, em minha experiência de campo, alguns comportamentos semelhantes. Já o mesmo tom dessa dimensão *cuidadosa*, dada a observação do espaço, é menos percebida na companhia de Madame X que, naquele momento, estava por volta dos 20 anos de idade e tinha recentemente descoberto os prazeres do *paredão*.

Em nosso primeiro dia de campo, nos encontramos no local combinado. A rua estava movimentada, contudo, não impediu que Madame X se intimidasse. “Amiga, você tá pronta?” Perguntou. Eu estava tenso e com medo do que viria. Acendemos uns cigarros e entramos no pequeno bosque. O dia se transformou em penumbra lá dentro. Homens (pelo menos cinco ou seis deles) estavam espalhados pelo lugar, encostados nas amendoeiras, sentados em pequenas toras de madeira no chão, distantes. Pareciam olhar o pôr do sol no céu rosado ao horizonte, aparentemente alheios às interações. Mais adiante, Madame X me aponta a extensão do terreno. Uma grande pedreira acompanha boa parte do caminho entre o *paredão* e a areia da praia. Silva (2009), faz uma alusão a essa imagem em seu trabalho, acionando a dimensão simbólica do imaginário coletivo maceioense em que a arquitetura colonial de *O Muro de Berlin* traça a linha divisória entre às práticas sexuais *normais* e *anormais*, impondo a elas sua vigilância constante.

Assim, só depois de percorrermos toda a extensão do lugar, foi possível entender o enigma metafórico do ambiente. Acreditamos que o espaço recebeu esse nome por sua formação geográfica, já que o muro faz parte do Porto de Maceió e cobre uma vasta extensão com seu paredão coberto de arames farpados, de redes metálicas eletrificadas e de duas torres de observação (vigilância) (SILVA, 2009, p. 114).

Essa análise nos convida a dar novas interpretações à maneira como os corpos se disponibilizam nesse espaço. O *paredão*, assim, oferece tanto relativa privacidade dos olhares cotidianos nas ruas da cidade, quanto possibilita uma vigilância regulada pelo olhar *masculino* dos trabalhadores do Porto. Algo não tão diverso da epistemologia do *banheirão* de Preciado (2019), em que as categorias do *público/privado* aparecem coladas pela arquitetura moderna dos banheiros públicos. Onde as cabines seriam o prolongamento da vida doméstica nos espaços públicos por se relacionarem à postura *feminina* de *mijar* sentado e, portanto, postura *privada* e *não-viril*. Por sua vez, os mictórios dos banheiros *públicos masculinos* revelariam a posição *ereta* e *viril* dos homens no mundo ao exporem seus sexos a observação e vigilância do *olhar masculino*. Dito de outra forma, há também na vigilância uma espécie de prazer-saber que contradiz as normas tacitamente instituídas. Existe, assim, toda uma espécie de investimento social que contribui para a conservação de uma homossocialidade, e ela não está mais fixada nas genitálias dos sujeitos do que na maneira com que se olham e se investigam os corpos e as relações sociais que habitam os espaços.

3. *Catar o perigo: técnicas de sedução afeminada*

Encontrei com Tulipa em uma visita ao Arquivo Público de Maceió na manhã do dia 4 de março de 2020. Ele me veio com seu sorriso expansivo e logo notei seus brincos de navalha pendulando e reluzindo das suas orelhas. Como a nossa visita ao Arquivo tinha sido breçada pela burocracia vigente naquela manhã, o convidei para ir comigo ao *paredão*, que ficava apenas a alguns metros dali. Durante o caminho, conversávamos sobre os nossos campos de atuação, quando Tulipa começou a falar sobre o *perigo das gays*. Provoquei para que me explicasse o tal do *perigo* e ele falou de uma *malícia*, “uma rapidez em perceber os movimentos e em retrucar”. Quando chegamos ao local, nos sentamos nos bancos em frente a praia. À nossa lateral direita, mais distante de nós, duas mulheres negras sentadas nos bancos observavam a praia. Nesse momento, Tulipa me chamou a atenção para os dois homens sentados ao nosso

lado, ele me falou baixinho: “*cata* esse aqui do lado, linda”. *Catar* é o termo pajubá², que significa: olhar, observar, perceber, entender, compreender, reconhecer. *Catei* com a minha visão periférica. Mais alguns minutos se passaram. Convidei Tulipa a entrar na *floresta* e ele pareceu abismado. “Bora só conhecer”, insisti e ele falou: “Amiga, você não pode tá falando sério.” Respondi seriamente que sim e ele aceitou. O homem negro que estava sentado ao nosso lado, devia ter por volta dos 40 anos de idade, se retirou pelas nossas costas e Tulipa me disse: “linda, discretamente, dá uma olhadinha pra onde esse macho foi.” Fingi olhar para os lados e a minha visão periférica confirmou seu afastamento. Preciso lembrar que Tulipa tem certa experiência na *pegação* homoerótica nos espaços públicos da cidade. Foi aos 14 anos de idade o seu primeiro *banheirão*. No entanto, aquela era apenas a minha segunda visita ao *paredão*.

“Vamo?” perguntei. Ele demonstrou estar nervoso e me respondeu positivamente. Por eu conhecer suas histórias de *pegação* em alguns locais da cidade, no momento do convite, ignorei o fato de que aquele era um ambiente novo e estranho para ele. Acreditando que aquela fosse uma *experiência natural*, perguntei: “Bixa, tu nunca tinha vindo aqui?” e ele respondeu: “Não amiga, nunca!” Fiquei surpreso e me senti compartilhando a posição que Madame X cumpriu para mim no meu primeiro dia de campo, quando minhas mãos suavam de medo de um assalto, ou de uma violência homofóbica. Então, Tulipa retirou os brincos de navalha das orelhas dizendo: “Quando chego nesses lugares, assim, eu já começo logo a chamar pela Pomba Gira”. Perguntei por que tirar os brincos e ele desconversou. Olhei para ele de soslaio, vi um sorriso e o observei corado. “É melhor tomar cuidado”, concordamos. Entrementes, sabíamos que aqueles brincos eram um poderoso símbolo da expressão afeminada. Mantinha uma relação direta com antigas representações da performatividade travesti, como a navalha embaixo da língua, usada para autodefesa em relação a possíveis agressores. A ação de Tulipa ao despir-se dos brincos era muito mais uma tentativa de se proteger do que se disfarçar naquele lugar, potencialmente hostil para nós que, naquele momento, o conhecíamos tão pouco. Contudo, havia também a possibilidade desse ato estar relacionado a um nível de percepção (*catar*) do espaço e das relações mantidas ali que compreende as interseções entre desejo, *perigo* e o repertório das suas experiências. Sendo acionado, não apenas para a proteção do perigo iminente, representado também em forma de prece à Pomba Gira, no entendimento dos riscos ao seu lugar de sujeito, como também a eventual possibilidade de realização de alguns desejos.

² O pajubá tem raízes no ioruba-nagô, linguagem usada nas religiões de matrizes afro-brasileiras (candomblé e umbanda). Foi mesclado ao uso corrente da língua portuguesa por bichas, travestis e transexuais durante os anos da ditadura militar no Brasil, como estratégia antirrepressiva às forças armadas (OLIVEIRA, 2019).

Tulipa nunca foi apenas um *rapaz*, mas já foi uma *bixa*. Quando está de costas alguém lhe chama: “*Moça! você deixou cair isso...*” Vira-se, em seguida, o duplo constrangimento infecta o ar. Disse que deve ser pela sua silhueta gorda, pelo cabelo cacheado, pelos traços angelicais. Simplesmente, se deu conta que não podia ser *uno*, pois ocupava mais de um lugar ao mesmo tempo, sempre em trânsito. Quando era adolescente, estava no quarto com um *homem* mais velho. Transaram e por fim, depois de gozarem, Tulipa esfregou seu gozo no rosto do *homem*, a resposta pela transgressão veio na forma de um tapa em seu rosto. Saiu de lá afugentada. Logo, descobriu que coabitar um corpo marcado como masculino poderia lhe render algumas surpresas violentas. Tulipa jamais esqueceu o episódio, assim como eu nunca esqueci o *corredor polonês* da minha escola e as vezes em que fui afugentado dos lugares também.

Aqui, me baseio na ideia de que a produção científica e o/a cientista estão atravessados pelos fluxos dos processos sociais (ELIAS, 1994), que nem sempre são óbvios ou clarividentes para quem faz a ciência. Por isso, pretendo explicitar que ao iniciar esta pesquisa eu tinha a curiosidade e o desejo de aprender a flertar/paquerar outros *homens* sem a mediação de aparatos tecnológicos como os já tradicionais aplicativos de *pegação* (*Tinder, Grindr, Scruff, Hornet*) e as demais redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram*) que atualmente também operam como agentes socializadores homoeróticos. Não obstante, essas empresas possuem em suas diretrizes *lacunas normativas* que permitem aos seus usuários a reprodução de opressões e produção de novos lugares de abjeção. Por isso, uma das minhas questões iniciais era: *como as bixas afeminadas paqueram/transam, sem a mediação de aplicativos de pegação, em uma sociedade onde a norma é ser heterossexual e a violência contra LGBTIA+ está sempre a espreita?*

A estratégia de *catar*, implica uma sabedoria do corpo que pretende evitar a hostilidade e o sofrimento, assim como é uma demonstração do olhar sexualmente interessado. Demonstra também uma subjetividade constituída por repertórios de cooperação masturbatória. Aqui, trago esse conceito como formulado por Paul B. Preciado (2018) para elucidar a minha posição em campo enquanto pesquisador, aprendendo saberes forjados em territórios *sexualizados*, que aqui apresento de maneira protética. Baseado em teóricos do pós-fordismo como Negri e Hardt, para os quais “o capitalismo atual tem como matéria prima o saber, a informação, a comunicação, as relações sociais”, o motor da produção capitalista atual “está no conjunto da sociedade, na qualidade da população, na cooperação, nas convenções e nos treinamentos”. Nesse sentido, a assistência e o cuidado corporal são formas de produção do “trabalho biopolítico”, ou seja, uma forma de gestão de si que no “capitalismo cognitivo” está hibridizada

com o mercado, a empresa e a sociedade. Aqui, pretendo assumir como pressupostos as seguintes hipóteses formuladas por Preciado (2018)

E se, na realidade, os corpos insaciáveis da multidão, seus paus, clítoris, ânus, hormônios e sinapses neurosexuais; e se o desejo, a excitação, a sexualidade, a sedução e o prazer da multidão fossem os motores de criação de valor agregado na economia contemporânea? E se a cooperação fosse uma “cooperação masturbatória” e não a simples cooperação de cérebros? (p. 40)

Nesse sentido, tento justificar que não fazer uso dos tradicionais aplicativos de *pegação* em uma pesquisa como essa, é uma escolha metodológica baseada na proeminência de uma rejeição ao corpo afeminado que é, em última análise, uma rejeição sistêmica do próprio mercado erótico a esses corpos. De outro modo, o mesmo mercado que lucra com os corpos abjetos (homens gays da nossa sociedade), ao eleger os tipos de corpos que devem ser desejados, reserva a esses corpos um nível mais denso de abjeção, a abjeção do corpo afeminado/preto/gordo/+. Não obstante, emerge dessa mesma rejeição a produção de conhecimentos eróticos afeminados por intermédio de um repertório da masturbação: experiências sexuais e eróticas, internet, redes sociais e aplicativos de *pegação*, pornografia, contos eróticos, filmes, novelas, programas de TV, dildos, conversas, notícias, etnografias.

Assim, cabe dizer também que este é um trabalho conjunto, feito por bixas afeminadas, algumas delas brancas, como eu, algumas delas pretas como as amigas que aparecem aqui sob os devidos pseudônimos, que me ajudaram/cooperaram na produção dessa etnografia de maneira ativa, seja por seus comentários e críticas a respeito da obra, a leitura dos meus diários sobre nossas visitas a campo, o colo oferecido nas horas de desespero e os risos do próprio desespero. Seus lugares conferem atravessamentos, não-lugares/entre-lugares e continua sendo uma ficção qualquer tentativa de encaixá-los sob a égide das classificações. Os peitos fartos, os quadris largos, os rebolados, as barbas, os brincos, as peles pretas ou mais ou menos brancas, os níveis de escolaridade, os pesos, os bairros em que moramos, as nossas rendas, os credos e as gerações não perdem a relevância nesse trabalho, mas ganham o brilho dos matizes das suas complexidades, quando se entende que esses são sujeitos híbridos que possuem uma história para além das suas genitálias. Uma história do corpo.

4. Local de pegação das gays: marcando territórios

Cheguei ao *paredão* por volta das cinco da tarde, o céu começava a escurecer. Encontrei Madame X e Ema sentados nos bancos, bem ao lado da entrada do bosque de amêndoas. Ema é um amigo de Madame X, tinha sido convidado para nos acompanhar nesse dia. Cumprimentei os dois com beijos e abraços. Assim que cheguei, vi um camburão da Polícia Militar encostado ao canto, alguns policiais estavam com armas em punho. Outros policiais vieram do interior do *paredão*. Perguntei aos meninos o que tinha acontecido e eles me explicaram. Os policiais chegaram no exato momento em que Madame X e Ema saíram do bosque. Passaram correndo e gritando: “Sai da frente, porra, sai da frente!”, foram na direção de um casal heterossexual e mais quatro rapazes. Puseram todos contra o muro, com as mãos na cabeça e os revistaram. Novamente, perguntei aos meninos o que achavam que tinha acontecido e eles me disseram que suspeitavam de alguma denúncia. Naquele momento, imaginei que o dia em campo no *paredão* tinha chegado ao fim. Eu não poderia estar mais enganado.

“A gente só tava esperando a senhora chegar, gata”, disparou Madame X. Apesar de estarem aparentemente nervosos, eles decidiram me guiar em direção às pedreiras do *paredão*. Aqui, pelo menos três coisas me sobressaltam. A primeira, é a insistência, mesmo diante de uma recente situação de *perigo*, em continuar com o campo naquele dia. Uma insistência tanto da minha parte, quanto dos meus colaboradores. A segunda, é a sensação de que a experiência de encontrar a polícia no local e, no meu caso, a ideia de compartilhar uma situação *perigosa*, tinha sido o tensor libidinal (PERLONGHER, 1987) que motivou a permanência em campo naquela noite. A terceira, é a característica resistente do desejo. Potente em sua capacidade de se regenerar e reconfigurar os espaços e predispor os sujeitos. Aqui, o *perigo*, isto é, perceber agilmente os movimentos e responder a eles, se torna um elemento que potencializa e mobiliza o desejo.

Ao entrarmos no bosque, percebi que o local se encontrava esvaziado, só com dois homens sentados por lá, bem como me confirmaram Madame X e Ema, ali estavam antes da polícia chegar. Perguntei porque estávamos indo às pedreiras e eles me revelaram estarem à

procura de *um novinho*³ e *um margiclean*⁴ gostosos por quem eles estavam interessados e que tinham visto se movimentar além das pedras, depois da ação da polícia. No meio do caminho, eles me mostraram uma inscrição na parede, grafada com pedra, dizendo: “Local de pegação das gays”. Avançamos mais um pouco e percebi uma cabeça balançando sobre as pedras. Avisei aos meninos e eles começaram a rir contando piadas jocosas sobre a situação. Ao nos aproximarmos vimos os rapazes, negros, que nesse momento desfizeram a interação e engataram uma conversa. O *novinho* estava em pé e o *margiclean* sentado, quando Madame X soltou, “eita a gente já sabe quem tava chupando quem”.

No meio do caminho, avistamos o *novinho* na mesma posição com a *neca*⁵ marcando a bermuda e o *margiclean* a sua frente sentado nas pedras. Ema e Madame X brincaram dizendo que passariam *cola super bond no pênis dele* e que *só sairiam de cima no hospital*. O *novinho* retribuiu os nossos olhares. Passamos por eles e em nossa direção veio um homem negro que aparentava meia idade. As roupas que usava, camiseta, bermuda e tênis, davam a entender que ele vinha de uma caminhada na praia. Ele olhou para nós. Madame X, percebendo uma aliança em seu dedo, disse: “E é casado ele, viu?! Olha aí o negão, ele olhou pra tu, Ema, vai lá”. Ao que Ema respondeu: “Ai, amiga, quero não. Vai tu”, Madame X, então, disparou: “Eu vou, ele é bem gostosinho”. O *negão* se posicionou um pouco mais à nossa direita, sentando nas pedras, antes de onde estavam o *novinho* e o *margiclean*. “É agora que eu vou lá”, disse Madame X e saiu em direção a ele. Não passou muito tempo até que Madame X retornasse dizendo: “ele queria o de vermelho”. Ema, que estava de camiseta vermelha, descartou a opção.

Quando o *novinho* e o *margiclean* saíram das suas posições, eles se deslocaram à nossa frente, enquanto seguíamos na direção do bosque. Percebemos que eles conversavam. O *margiclean* falava mais e mais alto que o *novinho*, gesticulando com as mãos e se expressando com sorrisos. Nesse momento, Ema e Madame X avidamente soltaram frases jocosas a respeito:

³ O *novinho* é parte do arquétipo pornográfico. Não necessariamente o termo está associado à menoridade, mas, sobretudo, à aparência física e à relativa distância geracional entre quem classifica e quem é classificado pelo termo. Essa classificação também é produtora de expectativas de comportamento sexual. Na Antiga Grécia existiu uma instituição onde a homossexualidade se apresentava permitida dentro dos seguintes critérios: os jovens eram iniciados na vida adulta por homens mais velhos, dotados de experiência, que penetravam os mais jovens. Qualquer inversão dessa prática era condenada socialmente. Tais comportamentos ganham sobrevida através da pornografia e parecem ainda ressoar no imaginário coletivo das sociedades contemporâneas.

⁴ Termo pajubá. Deriva da aglutinação entre o português *marginal* e o inglês *clean*. A palavra *marginal* está constantemente associada a homens e mulheres negros, ou populações em situação de vulnerabilidade social. Sugere conotações negativas. Enquanto *clean*, por tradução livre, significa *limpo*. Segundo minhas observações, a união dos termos sugere uma concepção complexa, positivada e estratificada de homens negros por homossexuais de classes médias. Embora, a partir disso, surgem algumas questões: por que um termo em inglês está para positivar categorias de sujeitos estigmatizados? E por que a positivação está no sentido de *limpeza*?

⁵ Refere-se à genitália.

“Eita que esse margiclean era uma máscara”, disse Madame X apontando o tom agudo na voz dele, e Ema completou: “A máscara dela caiu, querida”, o que nos tirou risos.

A articulação das categorias acionadas durante as nossas interações em campo, tais como *novinho*, *margiclean*, *bicha*, *gay*, *senhora*, *amiga*, *negão*, demonstram como essas classificações são tanto produtoras das diferenças, como especificam as posições dos sujeitos no contexto dos territórios de *pegação* e informam quais expectativas devem ser investidas e calculadas pelos agentes, a partir dos seus repertórios de desejo e poder, que relacionam antagonias de gênero, geração, raça e classe social (PINHO, 2004). Essas categorias podem, ainda, ser concebidas como fronteiras na medida em que se estabelece, a partir delas, formas de organização entre grupos sociais marcados pela diferença (BARTH, 2003). Contudo, não há garantias de que esses repertórios, acionados por categorias identitárias, sejam sempre efetivados. Frequentemente, tais expectativas são frustradas no decorrer das interações. Aqui, as piadas e os risos podem ser entendidos como reações frente ao que se esperava do comportamento do *margiclean*. Esta categoria, por sua vez, pode ser concebida tanto como arbitrária, quanto uma fronteira erguida culturalmente para orientar o desejo. Segundo Maria Elvira Díaz-Benítez, a ideia de uma *cultura gay* como “unidade total, integrada e harmônica é uma utopia se comparada às fragmentações e às diversidades que a compõem” (2006, p. 4). Nesse sentido, a aparência do homossexual negro é também sobrepujada por preconceitos em razão de um ideal de homogeneidade cultural.

Nos mundos homossexuais, essa imagem da masculinidade negra, quase obrigatória, leva a que os homens negros sejam definidos como ativos sexuais, o mais ativo entre os ativos. O mito do pênis grande recria muitas fantasias eróticas. (...) Espera-se que o homossexual negro seja ativo; quando sai desse padrão, rompe com um universo de valores construído historicamente. É como se o verdadeiro pecado do homossexual negro fosse *dar pinta*, mostrar passividade; aí o estigma da homossexualidade une-se ao da passividade e ao da raça. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2006, p. 6)

Assim, espera-se do homossexual negro uma estética e um comportamento embranquecidos. Seu corpo deve ser, então, exageradamente virilizado e, até mesmo, higienizado (*clean*) para que se satisfaçam as expectativas compulsórias da branquitude heterossexual. Em contrapartida, essa mesma compulsoriedade volta-se também contra os corpos brancos, na medida em que se estabelecem relações (homo)sexuais a partir da concepção

de identidades naturalmente binárias e, por sua vez, estanques. Dito de outra maneira, a depreciação das expressões de gênero é atravessada por fluxos culturais operando de formas não-estanques (STRATNERN, 2014) no agenciamento dessas interações.

Dentro do bosque, vimos que um casal heterossexual transavam entre as moitas. Eles, ao perceberem nossa presença, pararam e eu pude escutar a mulher dizer: “homi, to nem aí pra quem passa, não, eu quero é gozar”. Passando pela clareira, demos de cara com três homens jovens, que pareciam estar juntos. O do meio, Madame X reconheceu, era o produtor de uma festa da cidade. Nesse momento, foi possível perceber o movimento de algumas pessoas entre as árvores, elas se encontravam do outro lado, perto de onde ficavam os barcos de pesca. Atravessamos a clareira e os meninos se separaram. Eu sabia, com a minha experiência em campo, que deveria fazer o mesmo. Então, me encostei em uma das árvores, como os homens ali costumam fazer. Essa é uma posição de observador/*voyeur*, ela pode demonstrar que a pessoa, assim, está procurando, investigando o ambiente na busca por parcerias sexuais. Contudo, há também os sujeitos que vão ao *paredão* para ver o que se passa e se masturbar. Muitos, principalmente os homens mais velhos, encostam-se no muro que concede uma visão ampliada e privilegiada do entorno do bosque, abaixam suas bermudas e, com seus pênis para fora, se masturbam.

Madame X e Ema se encostaram nas árvores ao meu lado. No sentido da praia, à nossa frente, dois homens pareciam transar escondidos atrás de uma superfície de madeira posicionada verticalmente, de modo a esconder as laterais para quem entra no bosque pelo asfalto. Entre uma superfície e outra, um homem alto e negro também observa a movimentação, ele olha em nossa direção. Demoramos um tempo ali, até que ele se retirou e foi para a areia da praia, onde se encontrou com outro homem, branco e careca. Ema e Madame X se deslocaram e ficaram do outro lado das barreiras. Madame X, logo recebeu a visita do homem que nos observava. “E a gata já tá fazendo os trabalhos”, disse Ema, e me apontou para a parte inferior da barreira, onde pude ver alguém agachado e outro em pé. Caminhei um pouco para o lado, a fim de ver o que se desenrolava. Algum tempo se passa até que o *negão* se aproximou deles e logo depois saiu de perto.

O casal do outro lado da barreira se desfez e Ema, que já estava na barreira ao lado, a minha frente, recebeu a visita de um deles. Observei os dois pela fresta inferior da prancha de madeira, por onde pude ver o movimento dos seus pés, que se mantiveram distantes. Logo, eles se distanciaram. Ema me contou que eles apenas conversaram sobre a ação da polícia mais cedo. Nos separamos e me posicionei na parte superior do bosque, mais perto do muro, onde pude ver melhor os movimentos de Madame X, apenas a luz do porto e o zumbido do

maquinário iluminava o lugar e abafava os gemidos. Todas as interações ali se davam em silêncio, pouco se ouviam as conversas, tão pouco se ouviam os gemidos. Apesar disso, as sombras da noite não impossibilitavam que as transações ocorressem, como seria de supor, uma vez que as trocas de olhares, um dos aspectos principais para a procedência do *flerte*, estava parcialmente comprometida pela escuridão noturna. Ao contrário, as trevas tornavam possíveis que uma série de repertórios de cooperação masturbatória fossem acionados, permitindo maior intensidade de aproximações entre os agentes, o que não se observou à luz do dia. Outro catalisador importante que pode inibir ou desinibir as aproximações entre os agentes é a quantidade de pessoas no espaço. Naquela noite, uma porção maior de pessoas estavam presentes, contei cerca de vinte. Comparando a outras visitas, que ocorreram à luz do dia, o número de pessoas transacionando o espaço variava entre cinco e dez. Essa era uma quantidade crescente quanto mais perto do anoitecer.

5. Me tornando *voyeur*: considerações finais

Na minha primeira visita ao *paredão*, grafei as seguintes palavras de Madame X no meu diário de bordo: “Calma! É só você não dar bola, não encarar, evitar o contato visual”. Foram suas dicas diante do meu estranhamento em campo. Essa fala, bem como outros ensinamentos seus e os de Tulipa, que expus ao início desse trabalho, é reveladora da centralidade que têm os sentidos da visão para os trabalhos que envolvem práticas sexuais em territórios de *pegação*, e como ela é manuseada estrategicamente de formas distintas de acordo com as posições dos sujeitos.

Por diversas vezes utilizei a estratégia de *catar* (olhar periférico, fingir não estar vendo) para ver quando a minha intenção era evitar um nível mais denso de participação em campo. Decerto, nos momentos em que meu olhar cruzou com os de alguém no *paredão*, eu rapidamente experimentei interações para as quais o meu corpo estava parcialmente disponível. Essa disponibilidade ou esse jogo de olhares, olhar/não-olhar (o *flerte*), sugere tensões para os lugares que o/a pesquisador/a pretende ocupar neste tipo de campo. Ora, se no primeiro momento eu me vi na posição relativamente confortável de *voyeur*/observador ou de *acompanhante* e até mesmo sob a égide da alcunha de *pesquisador*, era por que eu sustentava um comportamento de presunção da distância em relação à ética compartilhada nesses espaços.

Por conseguinte, tão logo pude perceber a linha tênue que divide o pesquisador do humano, do que também está irrevogavelmente sujeito ao desejo e ao prazer. Nesse sentido, adotar, na maior parte das vezes, o lugar de *voyeur*/observador não me dispensou de participar

do flerte, da paquera, da pegação, da interação com os corpos anônimos. Ao contrário disso, essa foi a possibilidade de testar os ensinamentos dos colaboradores desta pesquisa e propor, também, fissuras epistemológicas que tensionam os métodos tradicionais das Ciências Sociais.

Não obstante, o conhecimento acadêmico tradicional também prescreveu a necessidade de atenção ao que se diz e se ouve em campo. Além disso, aprendi a necessidade de levar a sério o que foi dito por meus colaboradores, o que me permitiu traçar estratégias para que fosse possível me estabelecer em campo, bem como poder utilizar essas mesmas estratégias como parte do meu repertório analítico para o desenvolvimento deste trabalho. Dessa maneira, houve uma espécie de simbiose entre conhecimento acadêmico-científico e conhecimentos de fronteira, desses que só se produzem no contato das interações e a partir do próprio corpo.

Decerto, tal hibridização de conhecimento só foi possível graças às múltiplas posições de sujeito que ocupei em campo e que também ocupo na vida e nos espaços por onde vou. A saber, as interseções que marcam e identificam o meu copo como o de uma bicha-periférica-acadêmica-branca-pobre-ansiosa+; me permitiram as transações dos espaços acadêmicos ao universo LGBTIA+, esses que me atravessam e me constituem como pessoa, que nortearam minhas questões e inquietações diante dos enigmas da existência humana e da paz impossível da convivência social.

REFERÊNCIAS

BESSA, Karla Adriana Martins. **“Gender Trouble”**: outra perspectiva de compreensão do **Gênero**. In: Cadernos Pagu, n. 4: 1995, p. 261-267.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens**. In: Prazeres Dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 207-236.

BARTH, Fredrik. **Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade**. In: VERMEULEN Hans e GOVERS Cora (Orgs.) Antropologia da Etnicidade: para além de “Ethnic groups and their boundaries”. Lisboa: Fim de Século, 2003, p. 19-44

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRARA, Sérgio. **“Só os viris e discretos serão amados?”**. Jornal Folha de São Paulo, 19 de julho, 2005. Caderno Mais, p. 9.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Além de preto veado: etiquetando experiência e sujeitos nos mundos homossexuais**. In: *Gênero e Sociedade*, n. 26: 2006, p. 1-11.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. **O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo**. In: *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 25, n. 3: 2020, p. 999-1010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. A Vontade de Saber. V.1**. São Paulo: Graal, 2007.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. In: *Cadernos Pagu*, n. 5: 1995, p. 07-41.

HOCQENGHEM, Guy. **A Contestação Homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

JAGGAR, Alison M. **Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista**. In: *Gênero, Corpo e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 157-185.

LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia do Gênero**. In: *Technologies of Gender*. Bloomington: Indiana University Press, 1987, p. 206-242. (disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5673685/mod_resource/content/4/DE%20LAURETIS%20Teresa.%20A%20Tecnologia%20do%20Gênero%20%281987%29.pdf, visitado em 20 de setembro de 2021)

MACRAE, Edward. **Os respeitáveis militantes e as bichas loucas**. In: *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 37-49.

OCANHA, Rafael Freitas. **Repressão policial aos LGBTs em São Paulo na ditadura civil-militar e a resistência dos movimentos articulados**. In: História do movimento LGBT no Brasil. Orgs: GREEN, James N. QUINALHA, Renan. FERNANDES, Marisa. São Paulo: Alameda, 2018, p. 79-90.

OLIVEIRA, João Manuel Calhau de. **Performatividade Pajubá**. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019.

OLIVEIRA, Leandro de. **Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro**. In: Prazeres Dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 119-146.

OLIVEIRA, Tiago de Lima. **Engenharia Erótica, Arquitetura dos Prazeres: cartografia da pegação em João Pessoa, Paraíba**. Dissertação de mestrado em Antropologia. João Pessoa: UFPB, 2016.

PELÚCIO, Larissa. **O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil**. In: Iberic@1, *Revue d'études ibériques et ibéro-américaines* n. 9: 2016, p. 123-136.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O Negócio do Michê, prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINHO, Osmundo. **A guerra dos mundos homossexuais: resistência e contra hegemonias de raça e gênero**. In: Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Abia, 2004, p. 127-135.

PRECIADO, Paul B. **“Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino”**. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102.

_____. **Manifesto Contrassexual, práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”**. In: Revista Estudos Feministas, n. 19(1): 2011, p. 11-20.

____. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

____. **Transfeminismo no regime farmacopornográfico.** Tradução de Thiago Coacci. 2010.

(Disponível em: https://www.academia.edu/9723865/Preciado_-_Transfeminismo_no_Regime_Farmaco-pornográfico, visitado em 2 de junho de 2021)

QUINALHA, Renan. **Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro.** In: História do movimento LGBT no Brasil. Orgs: GREEN, James N. QUINALHA, Renan. FERNANDES, Marisa. São Paulo: Alameda, 2018, p. 15-38.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário.** In: Cadernos Pagu, n. 28: 2007, p. 19-54.

SILVA, Flávio Santos da. **O Averso da(s) Identidade(s) “homoerótica(s)” masculinas nos espaços homofóbicos na terra dos Marechais (Maceió-AL): lugares e não-lugares.** Dissertação de mestrado em Sociologia. Alagoas: UFAL, 2009.

SOUZA, Tedson da Silva. **Fazer Banheirão: As dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências.** Dissertação de mestrado em Antropologia. Bahia: UFBA, 2012.

STRATHERN, Marilyn. **Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen.** In: O efeito etnográfico e outros ensaios. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jamilye Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso – A Homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.